

Análise desistencial

Resenha de René Major, **Lacan com Derrida**,
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002,
256 p.

Jacques Derrida, tido por muitos como o maior filósofo vivo, tem a psicanálise como articulador central em sua obra. Ao contrário de alguns equivocados psicanalistas, que vão procurar entender a psicanálise através da filosofia, ele acha que a psicanálise quase deu um golpe de misericórdia na filosofia. Afirma que a descoberta freudiana do inconsciente revolucionou de tal forma os temas filosóficos tradicionais que, num determinado momento, pensou-se que a filosofia estava acabada, morta. Lamenta a atual “restauração” do pensamento filosófico que recalca as inquietantes questões impostas pela psicanálise.

Como um exemplo disso cita o conceito freudiano de “posteridade” (*Nachträglichkeit* ou *après-coup*). Entende que ele propõe um problema filosófico de magnitude nunca antes vista, ao negar qualquer idéia metafísica de presença e tempo: “Que o presente em geral não seja originário, mas reconstituído, que ele não seja a forma absoluta, plenamente viva e constitutiva da experiência, que não haja pureza do presente vivo, este é o tema, formidável para a história da metafísica, sobre o qual Freud convida a refletir por meio do conceitualismo desigual em relação à coisa em si. Este pensamento é sem dúvida o único, na metafísica ou na ciência, que nunca se esgota” (p.15).

Derrida reconhece – como não poderia deixar de ser – a extraordinária importância de Lacan no panorama psicanalítico. Diz ele: “Quer se trate de filosofia, de psicanálise ou de teoria em geral o que a banal restauração em curso tenta esconder é que nada do que pôde transformar o espaço de pensamento ao longo das últimas décadas teria sido possível sem algum ajuste de contas com Lacan, sem a provocação lacaniana, seja qual for o modo como a recebemos ou como a discutimos, e eu acrescentaria sem algum ajuste de contas com Lacan em seu ajuste de contas com os filósofos” (p.43).

Esse reconhecimento não o impediu de se manter afastado do grande fascínio que emanava de Lacan e de discordar de importantes pontos de sua teoria.

A crítica de Derrida é muito especial, pois, com precisão, aponta dificuldades na lógica interna do pensamento lacaniano.

A primeira delas, de 1965, aparece em *Sobre a Gramatologia*, quando ele insiste na importância da dimensão escrita da linguagem, denunciando o que chama “rebaixamento da escrita” presente em todo o pensamento filosófico, que exalta desmesuradamente a dimensão falada da linguagem, a palavra “plena” ou a escrita fonética. Essa crítica atinge diretamente a forma como o estruturalismo lidava com a lingüística, contestação que inclui Lacan, na medida em que este centra sua contribuição à psicanálise numa leitura “estrutural” de Saussure, que também privilegia a linguagem falada, o “fonocentrismo”. Como se não bastasse, Derrida critica o primado do significante, dizendo “seria uma posição insustentável e absurda, a se formular ilogicamente na própria lógica que ela pretende destruir, sem dúvida legitimamente. O significante jamais precederá de direito o significado, sem o qual já não

seria significativo, e o ‘significante’ significativo não mais teria nenhum significado possível. O pensamento que se anuncia nessa fórmula impossível, sem lograr instalar-se nela, deve, portanto, ser enunciado de outra maneira: sem dúvida só poderá fazê-lo suspeitando da própria idéia de signo, de ‘signo de’, que permanecerá sempre ligada justamente àquilo que se acha em questão”.

Abandonando o referencial do significante para a compreensão do inconsciente, Derrida retoma a noção freudiana de “facilitação” (*Bahnung*), que dá origem a seu conceito de “diferença” (*différance*). Apoiando-se nos escritos freudianos do *Projeto* e em *O Bloco Mágico*, propõe um aparelho psíquico estruturado como uma máquina de escritura, produzindo sem parar uma escrita hieroglífica não verbal e não lingüística, como o pictograma e o rébus, como se vê na escrita pictórica do sonho.

Se a crítica anterior não era dirigida diretamente a Lacan, em 1971 Derrida muda de tática. Numa conferência feita nos EUA (publicada em 1975 na França, com o título “Le facteur de la vérité”), explicitamente se opõe ao “Seminário da Carta Roubada”, importante texto de Lacan, que ali usa um conto de Poe (*A Carta Roubada*) para

LEITURAS

expor conceitos centrais de sua teoria, como a primazia do significativo, a importância do falado e do traço unário.

Derrida meticulosamente desconstrói o texto lacaniano, mostrando inicialmente que Lacan serve-se da literatura para expor sua teoria, ou seja, impõe um elemento exterior ao texto literário. Com isso, pratica a famigerada “análise aplicada”, ao mesmo tempo que a critica. Mostra ainda como o texto é um veículo de Lacan em sua luta política contra Marie Bonaparte, que ocupava importante lugar na instituição francesa e escrevera também um texto sobre Poe. Afirma que Lacan tenta desacreditá-la e desmoralizá-la, mas, na verdade, lera o trabalho dela e ali recolheu a idéia da carta como símbolo do falado materno. Diz que Lacan se coloca no papel de Dupin, o arguto detetive que desvenda o mistério, e coloca Marie Bonaparte como o comissário, aquele que se apossa indevidamente da carta real, sendo esta o representante do legado freudiano na França, o poder nas instituições psicanalíticas. Mais ainda, Derrida mostra como Lacan faz um lapso ao citar errado a frase “um destino/desígnio tão funesto, se não é digno de Atreu, e digno de Tiestes”.

René Major em seu livro *Lacan com Derrida* expõe, amplia, comenta, glosa todos esses temas, apontando para as divergências e convergências do pensamento desses dois grandes mestres. Se em outros momentos a relação entre os dois era de oposição, Major procura salientar a mútua influência que entre eles se instala, pois as reflexões psicanalíticas de Derrida se apóiam decididamente no aporte lacaniano, e Lacan incorpora em sua teoria as críticas de Derrida, o que o faz mudar silenciosamente de rota. Apesar disso, cada um mantém suas especificidades, o que permite Major falar numa análise “desistencial”, “derridaina”. Diz ele: “A psicanálise – sua teoria, sua prática, sua instituição – é completamente uma ciência do arquivo e do nome próprio, de uma lógica da ‘hipomnésia’ que explica as lacunas da memória, daquilo que arquiva a lembrança, transformando-a, ou, ao contrário, que a desarquiva, apaga, destrói; uma ciência também de sua própria história, da de seu fundador, da relação de documentos particulares (ou secretos)

com a elaboração de sua teoria e com tudo aquilo que, de maneira subterrânea, pode explicar sua manifestação no mundo” (p.18).

No que diz respeito ao conhecido procedimento da “desconstrução” criado por Derrida, diz René Major que, longe de recalcar a herança freudiana, “a prolonga em uma necessidade hiperanalítica, colocando em jogo o desejo ou a fantasia de reunir-se ao originário, ao irredutível, ao indivisível”.

René Major se notabilizou pela fundação do espaço Confrontation, que por 10 anos (1973-1983) exerceu importante papel no ambiente “psi” francês, por permitir a convivência dos quatro grupos psicanalíticos que – em função de divergências teóricas e institucionais – ignoravam-se ou hostilizavam-se mutuamente.

Retomando as idéias de Confrontation e contando com o apoio de Elizabeth Roudinesco e de Jacques Derrida, Major convocou, sob o nome “Estados Gerais da Psicanálise”, uma grande assembleia em Paris, 2000, com o intuito de fazer uma avaliação do momento psicanalítico, das questões teórico-clínicas e institucionais, além de uma reflexão sobre o papel da psicanálise na sociedade. Esse encontro reuniu cerca de 1300 psicanalistas provenientes de vários países, dispostos a falar “em seus próprios nomes”, independentes de suas instituições de origem. Naquela ocasião, Jacques Derrida fez

importante pronunciamento (*Estados d’Alma da Psicanálise*, Escuta).

Organizado como uma rede e beneficiando-se dos recursos da internet, por onde circulam informações e se organizaram sites (www.etatsgeneraux-psychanalyse.net e www.estadosgerais.org), o movimento “Estados Gerais” realizou em 1999, em São Paulo, um evento preparatório para o encontro de Paris, assim como aconteceu um outro, em novembro de 2002, em Buenos Aires, tendo em vista o segundo encontro mundial, que se dará no Rio de Janeiro, em novembro do corrente ano.

Assim, não poderia ser mais oportuno o lançamento deste instigante *Lacan com Derrida*, desde que o movimento dos “Estados Gerais” está visceralmente ligado ao trabalho conjunto de Major e Derrida.

Sérgio Telles é psicanalista e escritor, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, autor de *Peixe de Bicicleta* (EdUFSCar) e *Fragments Clínicos de Psicanálise* (Casa do Psicólogo/EdUFSCar).

Dizia Aristóteles, ecoando o Sócrates do *Teeteto*, que a Filosofia nasce do espanto¹. A inquietação de saber por que e como as coisas são como são pode, porém, produzir outros frutos; e entre eles se conta este novo livro de Sergio Telles, um analista que já recebeu vários prêmios por sua produção ficcional. São vinte sessões comentadas, às quais se acrescentam dois substanciosos capítulos argumentativos, sobre os referenciais teóricos da escuta e sobre a delicada questão de como proteger a privacidade dos pacientes a quem nos referimos em um escrito clínico.

É um prazer acompanhar o autor nessas reflexões, como que espiando por cima do seu ombro enquanto pensa, interpreta, constrói e revisa suas formulações. O amplo conhecimento da obra de Freud, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros autores se soma aqui a uma refinada sensibilidade e a um vasto repertório de cultura geral; além disso, a habilidade na exposição e um agudo senso das proporções – evitando o cacete tão presente neste tipo de texto, de sobrecarregá-lo com informações inúteis para a compreensão do argumento – tornam convincente o pensamento de Sergio Telles, consistentes os personagens de suas narrativas, e sólidas as construções que apresenta.

Pois as sessões foram escolhidas porque permitem evidenciar o que para o autor é o cerne do raciocínio clínico: a *construção*. Isto fica evidente não só pela maneira como recorta a obra de Freud, mas sobretudo no modo como reúne os dados no decorrer da sessão, vinculando-os sempre que possível ao passado infantil e aos momentos precedentes da análise. Sérgio toma assim partido no grande debate que atravessa a história da Psicanálise desde a irrupção do kleinismo nos anos trinta e quarenta: qual o lugar da transferência na men-

“Conversa de louco”: razão e sensibilidade na prática da psicanálise

Resenha de Sergio Telles, *Fragmentos clínicos de psicanálise*, São Paulo, Casa do Psicólogo/EdUFScar, 2003, 189 p.

te do analista? Digo bem *na mente do analista*, pois, no desenvolvimento do processo terapêutico, todos concordam que ele é central, na medida em que atualiza os conflitos patogênicos e os projeta na arena do presente. O problema reside no *uso* a fazer deste elemento: interpretá-lo exaustivamente no interior da relação terapêutica ou servir-se dele para estabelecer a continuidade entre o infantil e o atual?

O estudo dos escritos freudianos a que Telles procede nos capítulos iniciais não deixa dúvidas: ele se alinha entre os que preferem a segunda opção. “Apesar do logo compreender que é na transferência que serão travadas as batalhas decisivas da análise e vê-la como algo imprescindível, Freud nunca deixou de lado a idéia de que o objeto da psicanálise é a rememoração do passado simbólico, e é dentro dessa perspectiva que a transferência deve ser vista.” (p. 30-31) E esta opção técnica repousa sobre o alicerce teórico representado pela posição do infantil como núcleo do inconsciente: nas palavras do autor, no inconsciente, nada é arbitrário, “tudo é determinado, sobredeterminado, organizado e estruturado a partir de um núcleo de experiências infantis arcaicas, do desejo que incessantemente põe em movimento o aparelho psíquico, em busca de uma satisfação impos-

sível” (p. 24). É no capítulo sobre a “Psicoterapia da Histeria”, nos *Estudos*, que ele encontra o conceito-chave para validar esta posição: o de *fiio lógico* que atravessa as associações e as faz surgir conectadas pelas grandes categorias da similaridade e da contigüidade, ou, para falar como Lacan, da metáfora e da metonímia.

Sergio Telles sabe perfeitamente que a concepção do inconsciente tal como aparece nesse texto não foi mantida tal e qual ao longo da obra freudiana; mas sua leitura revaloriza a noção, enquadrando-a na de aparelho psíquico e utilizando-a como argumento para (mais uma vez ao lado de Lacan) recusar qualquer conotação romântica ao conceito de inconsciente. A idéia de fio lógico, entrecruzada com a de sobredeterminação, serve-lhe assim de guia para escutar o que lhe dizem seus pacientes, bem como para revitalizar, na obra freudiana, os momentos de *narrativa* como balizas do fazer analítico. Com efeito, é na *Interpretação dos Sonhos*, nos casos clínicos, na *Psicopatologia da Vida Cotidiana* e em textos semelhantes que o autor encontra o verdadeiro “tratado de técnica” que Freud cogitava redigir e que, à luz do presente livro, podemos compreender por que nunca foi publicado: é que ele *já estava escrito*, em fragmentos dispersos aqui e ali, e certamente não só nos célebres “artigos técnicos” dos anos 1912-1914. É aliás por evidenciarem com clareza par-

ticular a presença do fio lógico que foram escolhidos estas e não outras sessões, como ele próprio nos diz ao apresentá-las: a construção, que na maior parte das vezes requer um longo tempo e um trajeto bastante laborioso, pôde nestes casos ser efetuada no lapso de uma sessão ou de um pequeno número – duas, três – delas.

Não é que Telles deixe de “interpretar a transferência” no sentido usual do termo, localizando no discurso do paciente como este está configurando seu analista num determinado momento. No exemplo que comentarei a seguir, vê-se claramente a atenção que ele presta a esse fator. O que ocorre é, em primeiro lugar, que a interpretação não é confundida pelo autor com a *comunicação da interpretação* – ele procura que lugar ocupa nas associações e fantasias do paciente, mas evita enunciá-lo de imediato, preferindo falar *a partir* do que inferiu, em vez de contar ao seu interlocutor *o que* inferiu. E em segundo lugar, este manejo sutil da transferência decorre da prioridade concedida à atividade de construção, que permite integrar o momento presente ao conjunto da vida psíquica do paciente tal como é possível figurá-la naquele momento particular. É como se o movimento da sessão fosse incluído mentalmente (e afetivamente) num quadro em que a abcissa do presente e a ordenada do passado, cruzando-se a cada instante, vão determinando o desenho das significações; este traçado, por sua vez, ilumina o processo à medida que vai surgindo contra o pano de fundo do enquadramento.

Antes de passar ao comentário de uma sessão tratada deste modo – que nos permitirá entrar mais a fundo no vivo das questões – uma palavra sobre o que Sérgio Telles diz a respeito do problema das publicações. Esta é uma questão que vem

LEITURAS

ocupando analistas e médicos nos últimos tempos, já que a consciência ética nos impõe hoje uma dificuldade que quase não existia no tempo de Freud. Explico-me: nos prefácios a *Dora* e ao *Homem dos Lobos*, Freud se preocupa com a possibilidade de outros médicos, bisbilhoteiros, lerem o caso como um “roman à clef destinado ao seu deleite particular”. Sabemos o quanto ele foi cuidadoso ao eliminar quaisquer referências que, no seu entender, pudessem identificar os pacientes, e como justificou o seu procedimento, argumentando com o interesse dos futuros pacientes e com o dever de contribuir para a formação dos analistas que viriam a atendê-los.

Mas o que era adequado em 1915 já não é hoje, principalmente por causa da difusão da Psicanálise, e porque os próprios pacientes podem ter acesso muito mais fácil às revistas e livros da nossa área. A solução recomendada por vários painéis médicos e analíticos – obter o “consentimento informado” do paciente, que implica mostrar-lhe o texto antes da publicação – é criticada por Telles, a meu ver com razão. O “consentimento informado” pode proteger, juridicamente, o autor do texto ou o editor da revista contra um eventual processo movido pelo paciente por quebra da promessa de sigilo, mas solicitá-lo não é um ato neutro no contexto do tratamento analítico. Isso porque não deixa de ser uma atuação do analista, um ato concreto dele

que diz respeito aos seus interesses científicos ou profissionais, o que é em princípio legítimo se ele tiver tomado os cuidados necessários para tornar o mais difícil possível a identificação do paciente. Mas este tem com o analista um vínculo transferencial, e é no interior deste vínculo que será percebida a solicitação, a qual, com toda a certeza, produzirá efeitos no campo imantado das fantasias e das ansiedades do paciente. Telles não descarta essa possibilidade, mas recomenda a maior circunspeção na análise destas repercussões, ou, caso o tratamento já tenha sido encerrado, uma razoável certeza de que este novo gesto não virá a produzir ecos excessivamente intensos.

Não podemos, em suma, ignorar que a liberdade de escolha por parte do paciente está efetivamente tolhida pelo vínculo transferencial (seja para dar, seja para recusar a autorização, durante como depois do trabalho conjunto). Sérgio Telles conclui que cada caso é um caso, e que o analista deve ponderar por qual solução se decidirá tendo em vista a singularidade *daquela* situação: em um caso pedir o consentimento pode ser adequado, em outro será preferível recortar apenas uma vinheta, em outros ainda o analista deve correr sozinho os riscos da sua opção. Em todo caso, a meu ver as páginas em que expõe o estado atual do problema, apoiando-se em ampla e atualizada documentação, constituem um dos pontos altos do livro, pela franqueza e pelo cuidado com que o autor se posiciona.

Como toda resenha é uma espécie de aperitivo do livro que comenta, quero oferecer ao leitor uma rápida degustação do que o espera quando adquirir este e se deixar levar pelas associações que inevitavelmente surgirão em sua mente. Vamos então estudar de perto uma sessão que evidencia o método de

Sérgio Telles, pois é nele que reside o interesse maior do seu texto. Qualquer uma das vinte serviria a este propósito; um pouco aleatoriamente, escolho a primeira, intitulada “Jonas”. Trata-se de um homem casado, a quem a gravidez da esposa perturba profundamente, e que um belo dia chega a sessão e conta, “num tom desafiador e provocativo”, uma fantasia aparentemente masoquista; que sua bela colega de trabalho, por quem se sente atraído sexualmente, urinasse em seu rosto.

A primeira reação de Telles é de surpresa: este homem nunca havia trazido nada semelhante. Primeiro ponto a ressaltar no que estou chamando “método”: sabemos que cada paciente, em sua análise, revela um certo “perfil”, um conjunto de regularidade psíquicas que lhe são próprias, e que de certo modo habitua o analista a esperar comunicações naquele particular estilo. Ora, estando organizado o inconsciente como Freud o descreveu, aquilo que *destoa* do padrão habitual não deve ser considerado como sem sentido, mas sim como um elemento totalmente motivado, que de algum modo deve poder se encaixar neste padrão. A alusão ao “tom provocativo” mostra a atenção do analista aos elementos ditos “infraverbais”, que na verdade são o aspecto afetivo ligado a cada representação. Provocar quem? E por quê? Uma interpretação estritamente “transferencial” acentuaria a provocação “comigo”, e seria comunicada a Jonas mais ou menos assim: “Trazendo hoje esta fantasia, você está buscando desafiar alguma autoridade que deposita em mim” etc. etc. Não é assim que Sérgio procede: ele percebe que há desafio, mas evita a precipitação, e sobretudo deixa margem para que o *conteúdo* da fantasia possa se

desdobrar. Bom leitor de Melanie Klein – embora não endosse o seu sistema de interpretação exaustiva do presente transferencial – ele se pergunta também por que a cena imaginada, além de excitar a libido de Jonas, também o *angustia*.

Sérgio pergunta então, simplesmente, por que essa imagem excita o paciente. Este retorque que não sabe – o que seria aliás de se esperar – mas começa uma série de associações que vão permitir ao analista prosseguir no trabalho de construção, que nada mais é do que a criação de um *contexto* para aquela cena aparentemente despropositada.

Este contexto é elaborado tendo em vista os elementos obtidos ao longo da análise, e que se dispõem num eixo temporal. O elo mais imediato é a gravidez da esposa, que vem *ameaçando* Jonas porque ele vê nela o início de uma traição: a esposa irá abandoná-lo afetivamente, e concentrar todo o seu amor no bebê que vai nascer. Como vingança preventiva contra tal eventualidade, desde que soube da gravidez, Jonas vem apresentando um comportamento donjuanesco, embora nada tenha se concretizado em matéria de relações extraconjugais.

Mas por que ele é levado a ver na gravidez da esposa uma *ameaça*, e, mais precisamente, *esta* ameaça? Por que, por exemplo, não a encara como algo que virá cimentar a relação entre ele e sua mulher, consolidá-la por meio de um filho que fizeram juntos? A lente se abre para um ângulo mais amplo, tanto em termos temporais quanto nos personagens que serão invocados: *traição* é uma

idéia que acompanha Jonas desde muito antes – vira no próprio casamento uma traição à sua família de origem, e, ainda pequeno, também vira uma traição da sua mãe no fato de esta dar à luz um irmão mais novo. O ódio assassino pelo irmão foi na época recoberto por uma “poderosa formação reativa” – o cuidado exacerbado, a proteção exagerada por ele, que se prolonga até a vida adulta de ambos – mas permanece ali, latente e atuante, como elemento determinante do “infantil” de Jonas. Quando se apresenta uma situação análoga – outra gravidez – o ódio é *reatualizado*: termo-chave na óptica de Telles, que serve para dar conta da infiltração maciça do passado no presente, justamente porque este passado é presente, não passou, não foi relegado ao museu.

Do contexto mais atual, portanto, temos um “zoom” para o contexto mais antigo, mas ainda apto a oferecer elementos de simbolização, na medida em que por assim dizer enquadra e sustenta o mais próximo: Freud é aqui, sem dúvida, a referência do autor. Uma outra associação abre mais um caminho: Jonas conta sobre um ladrão que, na fazenda de seu sogro, matou uma vaca e deixou apenas a “barrigada” (vísceras) dela. Agora é Lacan quem oferece um apoio para o raciocínio clínico: o significante *barrigada* (em negrito no texto de Telles) traz também o sentido de cria, filhote (o filho de Jonas no ventre da mulher). Barrigada portanto simultaneamente desejada e odiada, alvo de uma fantasia de evisceração descrita em termos classicamente kleinianos: Jonas quer “atacar sadicamente” a vaca-mãe, matar a ela e ao filho que carrega. (Um elo na interpretação, não explicitado ao

paciente, mas claramente perceptível pelo leitor, é o da identificação de Jonas com o ladrão).

De onde provém tanta fúria e tanto desespero? Sérgio se vale da noção de complexo de Édipo para esclarecer a origem deste ódio: é “os sentimentos do menino frente ao pai, à mãe e ao irmão que iria nascer que ele encontra a sua raiz.” Jonas jamais superou esta constelação, que se revelará atuante no cuidado exagerado com o irmão (formação reativa) e também no sintoma de impotência que apresentou por um tempo, claramente ligado ao medo de estar envolvido em outra gravidez (a rivalidade com o pai desempenha aí, também, um certo papel).

Vemos assim como as referências freudiana, lacaniana e kleiniana se combinam e se sucedem, cada uma proporcionando um vetor para a construção – ainda que, entre elas, a freudiana se destaque como principal. Sérgio Telles se pergunta então se a fantasia da colega urinando sobre o paciente pertenceria ou não a este contexto – sempre evitando a precipitação, o *furor interpretandi* – e decide intervir, na sessão, interrogando Jonas sobre “como vê a excitação, por que a fantasia o excita” (p. 56).

A resposta não deixa de ser insólita: o paciente se refere à falta de pênis das mulheres, e à “vergonha” (sic) que elas sentem ao urinar, “tanto que não o fazem diante de qualquer um”. Jonas se imagina deitado em baixo da colega atraente, observando seus genitais e o rosto envergonhado dela enquanto a urina escorre por suas pernas, talvez nem chegando até o seu próprio rosto. Assim, por baixo de seu enunciado masoquista, a fantasia se revela como de natureza *sádica*: quem goza com o sofrimento é Jonas, não a colega – num pa-

drão que, sem ser idêntico, lembra o da transformação no contrário que engendra a formação reativa, tão saliente entre suas estratégias defensivas.

A construção pode então ser articulada: a fantasia em pauta corresponde à projeção sobre a colega da angústia decorrente da *exclusão*: exclusão de Jonas da díade esposa-bebê, assim como da díade sua mãe-seu irmão. Referência, portanto, ao complexo de castração, e a uma defesa contra ele, expressa na idéia de que as fêmeas sentem uma vergonha que a Natureza poupou aos afortunados portadores de um pênis. Como bonecas russas, dentro da colega está sua esposa, e dentro desta a mãe da primeira infância: Édipo e castração, neste caso, são os parâmetros que balizam o desenvolvimento psíquico do paciente.

Por fim, a leitura da transferência é determinada por esta construção: Jonas conta sua fantasia num tom desafiador *porque* imagina que o analista se opõe à sua vontade de ter uma aventura, e assim o coloca no lugar do pai, a cujas proibições desobedecia sistematicamente. Também, num nível mais profundo, atualiza com o analista seu conflito com a mãe, que não o protegia, não “tomava o seu partido” (p. 58), e cuidava só do irmão mais novo, assim como o analista “cuida” somente do interesse da esposa. Comenta Telles: “na compulsão à repetição, o triângulo se reconstituía de várias formas. A

mulher grávida era vista como a mãe grávida que exibia o fruto da traição, que o relegava por causa do filho mais novo, fruto do amor com o pai, deixando-o aliado, ciumento e raivoso. Na transferência, sentia que o analista se aliava à mulher, protegendo-a e conseqüentemente o escorraçando, o que o deixava cheio de ódio e desejos de vingança, que o levavam a atacá-lo”. (p. 59)

Seria interessante prosseguir esta análise com outros exemplos, mas creio que o que precede já nos dá uma idéia bastante clara de como pode ser estimulante a leitura de Sérgio Telles. Um de seus pacientes qualificava a análise como “conversa de louco, em que um não diz coisa com coisa, e o outro não está nem aí” (p. 15-16). Esta descrição é somente em parte acurada: conversa de doído, sim – mas, primeiro, o paciente *diz* “coisa com coisa” (é o efeito da sobre-determinação, da organização complexa mas não confusa do inconsciente) – e, sobretudo, o analista está totalmente “aí”, atento a todas as ressonâncias do discurso, às afetivas como às semânticas, empregando todo o seu engenho e arte para fazê-las vibrar em conjunto e servir de elementos para a construção.

Aliando rigor teórico, sensibilidade clínica e um grande talento literário, Sérgio Telles faz de nós outros tantos interlocutores em suas “conversas de doído”. Que privilégio, o nosso!

NOTAS

1. *Metafísica*, livro Alfa, 983a. Cf. Platão, *Teeteto* 155b.

Renato Mezan é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professor titular da PUC/SP e autor de vários livros.